

## Posfácio

Não cabe a este trabalho uma conclusão. Mesmo um posfácio, dado o pouco tempo transcorrido após o fechamento do último estudo – *Linguagem, Política e Filosofia* –, é algo ainda difícil escrever com convicção ou propriedade. Talvez mesmo, junto com o *Prefácio*, sejam estes os dois momentos mais difíceis de todo o percurso. Ambos escritos na primeira pessoa do singular, acabam funcionando como parênteses a uma estrutura que, pelas suas características, poderia dispensá-los. Resta saber o que acrescentam.

Parece, num primeiro momento, que esses parênteses são necessários apenas à inserção do trabalho no contexto acadêmico no qual efetivamente foi elaborado. Essa necessidade certamente se verifica, mas há mais que isso, mais que uma mera formalidade. A decisão de escrevê-los assemelha-se, mais aproximadamente, a uma negociação com hábitos explicativos adquiridos no trato com a filosofia, hábitos que são os daqueles com quem posso mais essencialmente conversar, mas, em última análise, também meus.

É razoável pensar, portanto, que na necessidade expressamente reivindicada de refletir sobre a práxis filosófica numa contemporaneidade que, pelo menos na determinação da forma das teses exigidas dos seus candidatos a doutor, se mostra bastante tradicionalista, esteja a chave, ao mesmo tempo, do desconforto, da necessidade, e do excessivo cuidado que cercam a elaboração destes parênteses.

Tratava-se, sobretudo no *Prefácio*, de mostrar que a reflexão desenvolvida, pela própria natureza das suas preocupações, incorreria numa incoerência grave se se furtasse à tarefa de mexer com a atual forma canônica de desenvolvimento desse tipo de trabalhos. Simultaneamente, e não por uma mera questão de auto-proteção ou pedido polido de licença para a realização de algum capricho criativo, precisava ficar claro que não se tratava de nenhum libelo contra essa forma canônica, sobretudo devido à consciência da impossibilidade e do despropósito de quaisquer tentativas de revogação das bases justamente a partir das quais alguma troca ainda se faz possível.

Descubro agora no *Posfácio* – e não apenas retoricamente – que o que fazia tateantemente no início do *Prefácio*, ainda que ele tenha sido retocado muitas vezes, e mesmo após estas considerações, era tentar convencer-me da "realidade" dos problemas que seriam enfrentados. Já outros o disseram, mesmo Heidegger: as coisas começam pelo que sobrevém a elas.<sup>1</sup>

Termino, assim, optando por identificar alguns pontos subjacentes ao que foi efetivamente feito, aos quais espero poder retornar num possível futuro. São os seguintes:

- 1) A revisão da história das relações entre os filósofos.
- 2) A questão da plástica e do tempo de transformação interna da metafísica.
- 3) A questão do lugar do filósofo e da política que a ele mais especificamente diz respeito.
- 4) A questão das possibilidades de alargamento da atual práxis pensante, em seus limites de flexibilização e esgarçamento.
- 5) A revisão da noção mais geral de crítica filosófica.
- 6) A idéia de que o modo de ser mais próprio da filosofia é sua capacidade de instigar e suportar o questionamento, isto é, de renovar o espanto que deflagra esse questionamento, e ensinar a nele permanecer.
- 7) A possibilidade de apalpar o plasma da linguagem que retém as decisões histórico-ontológica, isto é, de experienciar suas imposições, sua plasticidade, seus limites.

Fica, no fim, a estranha impressão de que tudo isso já foi efetiva e mesmo exaustivamente pensado pelos filósofos ocidentais e, ao mesmo tempo, é como se nada tivesse ainda sido suficientemente pensado, como se tudo estivesse por fazer.

---

<sup>1</sup> Cf. HEIDEGGER 1959/72, p. 182.